

ENTREVISTA

AGOSTINHO PATRUS FILHO (PSD), presidente da Assembleia Legislativa de Minas Gerais

'O governador deveria ter mais consciência das suas palavras'

Em entrevista exclusiva ao **Estado de Minas**, o presidente da Assembleia Legislativa e provável candidato a vice-governador do estado na chapa com Alexandre Kalil, Agostinho Patrus Filho (PSD), criticou a fala do governador Romeu Zema (Novo) comparando a aprovação do aumento ao funcionalismo feita pelo Legislativo a um pai que deixa seu filho se drogar. Agostinho disse que "não poderia esperar nada diferente de um governador que não conhece nem a realidade das professoras, tampouco a lastimável situação da dependência química no nosso estado". Para ele, a falta de diálogo entre deputados e Executivo ocorre "pela incapacidade deste governo em dialogar, ser transparente e verdadeiro com o Parlamento". Sobre a acusação do governador de que ele teria "projeto pessoal de poder", negou basear suas ações legislativas em critérios eleitorais e disse que Zema é o candidato à reeleição. **PÁGINA 4**



GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A PRESS



No início de 2021, foi ele [Zema] quem me procurou para ser seu vice. Quem está preocupado com eleição aqui é ele"

Em vídeo publicado nas redes sociais ontem, o governador Romeu Zema destacou as verbas destinadas às estradas do estado: "R\$ 2,150 bilhões, o maior investimento em infraestrutura da última década". **PÁGINA 4**

DESAFIO NO CAMPO

Pequenos produtores de regiões pobres do estado sofrem mais os impactos da alta dos combustíveis

Chegando a pagar R\$ 8,59 pelo litro da gasolina, como em Coronel Murta, os pequenos produtores do Norte de Minas e do Vale do Jequitinhonha acabam sofrendo ainda mais os impactos dos reajustes de preços dos combustíveis. Trabalhando com produtos perecíveis, eles são obrigados a se deslocar sempre para vender a produção de hortifrutigranjeiros, amargando prejuízos. Além disso, os insumos também ficaram mais caros e o poder de barganha deles não é o mesmo dos grandes produtores.

"Se a gente tiver que repassar o aumento do custo para as mercadorias, o povo vai parar de comer", diz o agricultor do Projeto Jaíba Gedeon Martins de Souza, que vai a Montes Claros vender sua produção na Central de Abastecimento do Norte de Minas (Ceanorte). José Pedro Aguiar Viana, produtor em Lorena, comunidade de Coronel Murta, conta que gastava de R\$ 25 a R\$ 30 de frete até a sede da cidade e, agora, depois do último reajuste da gasolina e do diesel, está pagando R\$ 70.

PÁGINAS 8 E 9

GLADYSTON RODRIGUES/EM/D.A PRESS



CELEBRAÇÃO DA VIDA

No Domingo de Páscoa comemora-se a ressurreição, o renascimento de Cristo. E, nesta data tão importante para os cristãos, uma família em especial se reuniu para festejar a vida. Mirian Lima Carvalho Gonzaga, moradora de Santa Luzia, na Grande BH, celebra o que diz ser seu terceiro renascimento. Ela foi vítima de trombose cerebral, há 22 anos, sendo desenganada pelos médicos. Dois meses depois, foi acometida por uma tromboembolia pulmonar e salvou-se porque o diagnóstico foi rápido. Portadora de lúpus, doença autoimune, ficou internada um mês, em 2021, com COVID-19. "Para sermos felizes, precisamos de muito pouco. Todo mundo busca o conforto, mas, se temos, por que não dividir, acabar com a ambição, procurar ajudar quem precisa?", diz Mirian, que ontem reuniu a família para comemorar o aniversário da neta Maria Eduarda, de 18 anos.

"Com tranquilidade e persistência, encontramos as saídas até mesmo onde parece faltar a luz", diz a luziense. **PÁGINA 11**

ACORDO COM O TSE Bolsonaro quer explicação do WhatsApp

Irritado com o acordo feito entre o TSE e o aplicativo de mensagens WhatsApp para adiar lançamento de novas ferramentas no Brasil que permitem grupos com maior número de pessoas, o presidente Jair Bolsonaro quer explicações da empresa: "Se pode fazer um acordo com o TSE, pode fazer comigo também. Por que não?", disse. **PÁGINA 3**

Domínio mineiro no vôlei nacional

O Minas Tênis Clube decidirá a final da Superliga contra o Cruzeiro, depois de vencer o Guarulhos por 3 a 1, ontem. No feminino, Minas e Praia decidirão o título pelo segundo ano consecutivo. **PÁGINA 15**

Coelho goleia o Juventude

Em noite inspirada, o América venceu o Juventude por 4 a 1, no Horto, e marcou os primeiros 3 pontos na Série A. **PÁGINA 16**

DOMINGO

degusta

Se você gosta da culinária nordestina, BH oferece várias opções. Duas delas surgiram durante a pandemia: os restaurantes Dona Fulô, no Bairro de Lourdes, e Maturi, em Santa Tereza. A ideia das proprietárias é que os clientes façam uma viagem ao Nordeste pelos sabores.

Viagem ao Nordeste

EXPERIMENTE SABORES DE ESTADOS DISTANTES SEM SAIR DE BELO HORIZONTE

Se você gosta da culinária nordestina, BH oferece várias opções. Duas delas surgiram durante a pandemia: os restaurantes Dona Fulô, no Bairro de Lourdes, e Maturi, em Santa Tereza. A ideia das proprietárias é que os clientes façam uma viagem ao Nordeste pelos sabores. **PÁGINAS 2 E 3**

BEM VIVER

AS POLÊMICAS EM TORNO DA CIRURGIA PLÁSTICA

Reparadora ou estética, a cirurgia plástica tem o objetivo principal de promover saúde e a felicidade para o paciente. O problema é o exagero na busca pela perfeição. Dayanne Andrade (foto) operou por necessidade. **CAPA E PÁGINAS 3 E 4**



MARCOS VIEIRA/EM/D.A PRESS

EM CULTURA

O TESTAMENTO DE LEONARD COHEN

O poeta, cantor e compositor canadense Leonard Cohen morreu em 2016 e deixou determinações expressas para a edição do livro "A chama", que traz poesias inéditas, apontamentos e desenhos. **CAPA**

Feminino

O pavor da pandemia acabou tornando as pessoas mais solidárias e buscando mais a Deus. Prova disso é o recorde de ajuda, material e espiritual, concedida pelas igrejas nesses dois anos. **CAPA E PÁGINAS 4 E 5**



9771809 987014

Assinaturas e serviço de atendimento: (31) 99402-0234 • fale.conosco@em.com.br
Central de atendimento ao assinante: (31) 3263-5800 • Assinatura Uai: (31) 3263-5888
Baixe o aplicativo Estado de Minas na Google Play ou Apple Store.

O PETRÓLEO E A AGRICULTURA

O impacto da alta dos preços de combustíveis chegou ao campo, mas pequenos produtores de regiões mais pobres, como o Norte de Minas e Vale do Jequitinhonha, sentem mais os efeitos

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

CORONEL MURTA
9,2 mil habitantes
IDH: 0,627



“O preço do combustível aumentou demais. Quase todo o dinheiro que a gente fatura está indo embora no frete”

■ José Pedro Aguiar Viana, de 51 anos, produtor em Coronel Murta, no Vale do Jequitinhonha



IBIRACATU
5,4 mil habitantes
IDH: 0,591



“Com o aumento do preço dos combustíveis, o custo das nossas viagens dobrou de seis meses prá cá”

■ Reinaldo Rodrigues Ferreira, de 30 anos, produtor em Ibiracatu, no Norte de Minas



BONITO DE MINAS
11,5 mil habitantes
IDH: 0,537



“Toda vez que fazemos uma viagem, a gente precisa planejar e aproveitar ao máximo para não ter prejuízo”

■ Manoel Lopes de Oliveira, de 60 anos, agricultor e apicultor em Bonito de Minas, na região Norte do estado

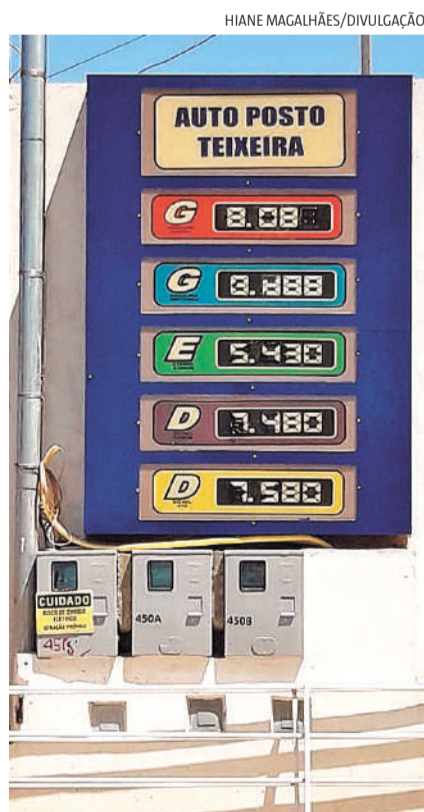
IDH BAIXO, PROBLEMAS EM ALTA

LUIZ RIBEIRO

Com o recente aumento do preço da gasolina, os moradores dos municípios mais pobres e isolados do estado, situados no Norte de Minas e no Vale do Jequitinhonha, estão pagando mais caro pelos derivados de petróleo do que a população de cidades mais ricas como Nova Lima, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, que tem o maior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de Minas Gerais, de 0,813. O custo elevado dos combustíveis nos municípios de baixa renda, mostrado pelo Estado de Minas, tem peso maior ainda para os responsáveis por levar alimentos à mesa dos moradores desses lugares: os pequenos produtores. Criado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o IDH é baseado nos indicadores de educação, saúde e renda.

Os agricultores familiares são impactados pelo aumento dos combustíveis por várias vezes: quando deslocam até a área urbana para vender a produção ou para fazer compras; e também com o reajuste dos preços dos insumos agrícolas, que têm em sua composição matéria-prima oriunda do petróleo. Por serem perecíveis, os hortifrutigranjeiros necessitam ser enviados rapidamente para o mercado consumidor, não podendo ser estocados, o que eleva o custo da logística. A alta dos combustíveis dificulta a vida dos pequenos produtores dos municípios de baixo IDH e também do Projeto Jaíba, maior perímetro irrigado da América Latina, situado no município homônimo, no Norte de Minas.

Um dos que sofrem na pele o problema é José Pedro Aguiar Viana, de 51 anos, agricultor familiar de Coronel Murta (9,2 mil habitantes), cujo IDH é



Em Ibiracatu, no Norte de Minas, o litro de gasolina está custando R\$ 8,08; já o óleo diesel, R\$ 7,48

0,627, no Vale do Jequitinhonha, onde o Estado de Minas encontrou a gasolina mais cara no estado: em um posto, R\$ 8,49, um real a mais do que valor comum cobrado em Belo Horizonte; e em outro, a R\$ 8,59. Na semana passada, um dos postos da cidade “baixou” o preço da gasolina para R\$ 8,29 o litro, numa “promoção”. O litro do óleo diesel em Coronel Murta está custando R\$ 7,59.

José Pedro tem uma pequena propriedade na localidade de Lorena, distante sete quilômetros da área urbana de Coronel Murta. Ele não possui carro próprio: “Só tenho uma motinha”, diz. Por isso, precisa pagar o frete de um veículo particular toda vez que se desloca até a cidade para vender seus produtos, comprar matérias-primas ou cuidar de outros compromissos.

“O preço do combustível aumentou demais. Quase todo o dinheiro que a gente fatura está indo embora no frete”, reclama o agricultor de Coronel Murta, que também fornece verduras e hortaliças para a merenda escolar, por meio do Programa de Aquisição de Alimentos do governo federal. Ele disse que depois do último reajuste dos combustíveis está pagando em torno de R\$ 70 pelo transporte entre Lorena e a sede de Coronel Murta.

“Antes, eu pagava de R\$ 25 a R\$ 30 de frete”, afirma José Pedro, que tem um terreno de 10,24 hectares e faz o plantio de feijão, hortaliças e frutas em uma área de 3 hectares. O cultivo é viabilizado pela água de uma nascente na propriedade do pequeno agricultor, recuperada há poucos anos em programa ambiental apoiado pelo Serviço de Aprendizagem Rural (Senar).

PLANEJAMENTO Outro pequeno produtor que sofre os efeitos da alta dos derivados de petróleo é Manoel Lopes de Oliveira, de 60, morador de Bonito de Minas, de 11,5 mil habitantes, município norte-mineiro que tem o terceiro pior IDH (0,537) de Minas Gerais. O litro da gasolina está sendo vendida a R\$ 7,85 na cidade, enquanto o preço do litro de óleo diesel é R\$ 7,35.

Manoel tem uma propriedade de 14

hectares, na localidade de Barreiro Mato, a oito quilômetros da área urbana de Bonito de Minas. Ele se desloca até à cidade, em média, três vezes por semana e faz entregas de casa em casa, vendendo frango caipira, mel, verduras, folhas verdes e outros produtos.

Os deslocamentos são feitos em uma motocicleta, adaptada para o transporte dos hortifrutigranjeiros. “Eu estava pensando em comprar um carro. Mas acabei desistindo da ideia. A gasolina está cara demais”, afirma o agricultor familiar.

Manoel também é apicultor e usa moto para outras atividades do seu dia a dia, como na captura de abelhas no campo. Ele disse que “não tem noção de quanto desembolsa no posto de combustíveis. Mas calcula que gasta em torno de R\$ 40 por semana com gasolina. “Mas sempre eu vou a Januária (48 quilômetros de Bonito de Minas). Ai, a gente tem que gastar mais ainda com o combustível”, acrescenta o pequeno produtor.

“Com a alta da gasolina, toda vez que fazemos uma viagem para vender alguma coisa, a gente precisa planejar direito e aproveitar ao máximo a viagem para não ter prejuízo”, afirma Manoel de Oliveira. “Se o preço do combustível continuar subindo e não baixar, não vai ter como a gente trabalhar”, completa o agricultor familiar.

‘SEM SAÍDA’ O reajuste dos derivados de petróleo também trouxe complicações para os pequenos agricultores de Ibiracatu, de 5,4 mil habitantes e com IDH de 0,591. O litro de gasolina na cidade está custando R\$ 8,08, enquanto o preço do litro de óleo diesel é R\$ 7,48.

“O impacto que a gente teve com o aumento do preço dos combustíveis foi alto demais. A renda nossa está sendo muito pouca. Ficamos sem saída”, lamenta Valdínei Gonçalves Mendes dos Reis, de 52, pequeno produtor da localidade de Bambuzal, na zona rural de Ibiracatu. Todas as sextas-feiras, ele se desloca de carro 15 quilômetros, do seu sítio até à cidade, para vender hortaliças na feira livre promovida pela prefeitura.

Ainda em Ibiracatu, o agricultor familiar Reinaldo Rodrigues Ferreira, de 33, da comunidade de Tabuas, vai até à área urbana (distante 10 quilômetros de sua propriedade) uma vez por semana para vender mandioca, laranja, limão e outras “coisas da roça”. Nos deslocamentos, usa uma motocicleta, veículo mais econômico.

Mesmo assim, Reinaldo reclama da alta da gasolina. “A nossa margem de lucro com a venda dos produtos reduziu 50 por cento. Com o aumento do preço dos combustíveis, o custo das nossas viagens dobrou de seis meses prá cá”, alega o sítante.

Conta chega ao consumidor

Os impactos do reajuste dos combustíveis têm efeito cascata, atingindo os comerciantes de frutas e verduras e chegando ao consumidor final. O reflexo é maior em produtos típicos de determinadas regiões do país e que são transportados por longas distâncias até chegar ao consumidor final em Minas – por isso, tem maior custo de frete. Isso ocorre com a maçã (que vem do Rio Grande do Sul) e com o melão, produzido no Rio Grande do Norte, por exemplo.

O empresário Ricardo Nunes Costa, que trabalha com a venda de frutas e verduras no atacado e no varejo, em Montes Claros, afirma que depois do último reajuste dos combustíveis houve uma elevação de de 10% a 15% dos preços de vários produtos nos sacolões. As maiores altas foram da cenoura, da beterraba, da batata inglesa e do mamão.

O comerciante salienta que o reflexo do aumento dos combustíveis no preço das frutas e verduras é maior nas regiões como o Norte de Minas, que não conseguem produzir o suficiente para atender a demanda e que dependem das mercadorias “importadas” de outras partes do estado e do país.

A empresa dele faz o transporte em caminhões próprios e reclama do aumento dos custos em decorrência da disparidade nos preços dos derivados de petróleo. “Há meses, o frete da maçã de Vacaria (RS) até Montes Claros era R\$ 5,80 e agora passou para R\$ 10 a caixa. O frete da batata inglesa do Triângulo Mineiro até o Norte de Minas custava R\$ 8 e passou para R\$ 10.”

Ricardo Nunes afirma que, muitas vezes, os comerciantes do setor de frutas e verduras não conseguem repassar o aumento do custo do frete para o preço final das mercadorias. “Estamos em um mercado competitivo. Quando aumenta o preço dos combustíveis, os produtores, tanto os grandes quanto os pequenos, têm um custo de produção elevado. Nós (comerciantes) também perdemos competitividade e margem de lucro. Já o consumidor tem reduzido o poder de compra. Então, todos saem perdendo”, conclui o empresário de Montes Claros.

Ricardo Nunes Costa lembra que os alimentos em natura são perecíveis. Por essa razão, não podem ser estocados e precisam ser colhidos quanto atingem o ponto de maturação e de colheita, devendo ser transportados imediatamente até os pontos de venda. “Essa condição acarreta maiores deslocamentos e mais despesas com frete dos alimentos em natura, que são diferentes, por exemplo, de determinados produtos industrializados, que podem ficar meses estocados ou esperar meses para serem transportados”, explica o comerciante.

O PETRÓLEO E A AGRICULTURA

Para integrantes do projeto de irrigação do Norte de Minas, preocupação é segurar preços, apesar da alta dos custos. “Estamos praticamente pagando para trabalhar”, diz um deles

FOTOS: LUIZ RIBEIRO/EM/D.A.PRESS



Movimentação na Central de Abastecimento do Norte de Minas (Ceanorte), em Montes Claros. Quarta-feira é o dia da feira livre, oportunidade para os pequenos produtores faturarem um pouco mais

Produtores do Jaíba também padecem

Sem poder de barganha, pequenos sofrem mais

Todas as quartas-feiras, ainda antes do nascer do sol, o movimento é intenso na Central de Abastecimento do Norte de Minas (Ceanorte). É o dia da feira livre na unidade, que permite aos pequenos produtores da região a satisfação de vender a produção e voltar pra casa com algum trocado no bolso. Mas, com o último reajuste de combustíveis, a alegria deu lugar à preocupação e ao receio de prejuízos com o aumento do custo do transporte. Os agricultores reclamam da elevação do custo dos insumos, também consequência do reajuste dos derivados de petróleo, por conta do efeito em cascata na cadeia produtiva.

“As despesas com transporte, adubo e outros insumos subiram demais. Se a gente tiver que repassar o aumento do custo para as mercadorias, o povo vai parar de comer”, afirma Gedeon Martins de Souza, pequeno produtor do Projeto Jaíba (situado no município homônimo). Gedeon conta que transporta sua produção em um pequeno caminhão, de sua propriedade, do Projeto Jaíba até Montes Claros (distância de 285 quilômetros).

A cada viagem, carrega batata doce, mandioca, limão e goiaba, entre outras verduras e frutas que produz numa área de 18 hectares no perímetro irrigado do Jaíba. Na Ceanorte, vende as caixas dos produtos para atravessadores ou varejistas, que revendem os produtos para o consumidor final.

O assentado do Projeto Jaíba salienta que o grande problema dos pequenos agricultores com a elevação do preço dos combustíveis sobe é que a categoria não consegue embutir, imediatamente, o aumento de custos do frete nos preços de venda dos seus produtos. “O aumento dos combustíveis foi muito ruim porque antes a gente tinha retorno. Agora, estamos praticamente pagando para trabalhar. Do jeito que as coisas estão indo, aumentando os combustíveis e os insumos, dentro de alguns meses vai faltar mercadoria no mercado, pois os agricultores não vão ter mais condições de plantar. As coisas estão caras demais”, alerta.

A reclamação de Gedeon é a mesma de Genilson Santos Pereira, outro pequeno agricultor da comunidade de Planalto Rural, do município de Montes Claros (distante 20 quilômetros da área urbana). Genilson explica que os pequenos produtores não conseguem repassar o aumento do frete para as frutas e verduras por causa da sazonalidade dos produtos agrícolas. Ou seja: nos períodos de safra, os preços das mercadorias baixam em função da lei da oferta e procura.

QUEDA NO CONSUMO “A gente tem que obedecer o preço de mercado. Se



Agricultores da região descarregam seus produtos na Ceanorte, em Montes Claros

“

Se a gente tiver que repassar o aumento do custo para as mercadorias, o povo vai parar de comer”



■ Gedeon Martins de Souza, pequeno produtor do Projeto Jaíba

não baixar o preço e voltar com as mercadorias pra trás, o prejuízo é dobrado”, argumenta Genilson. Ele informou que gastava R\$ 60 com combustível para ir até a Ceanorte vender frutas e verduras. Agora, gasta R\$ 100 em cada viagem, feita numa picape Saveiro, de sua propriedade.

“O custo de produção está muito alto”, diz Gilmar Pereira Silva, outro pequeno produtor de Planalto Rural. Ele vai até a cidade (distância de 20 quilômetros) em carro próprio para vender as verduras que produz. “Antes do aumento (da gasolina), eu gastava R\$ 200 por semana. Agora, gasto R\$ 300 por semana com o transporte”, descreve o pequeno agricultor.

Também de Planalto Rural, o agricultor Hugo Rafael Leal de Souza afirma que, além de serem “penalizados” pela alta dos combustíveis e dos insumos, os pequenos produtores também sofrem com a perda do poder de compra da população, que, segundo ele, “ficou empobrecida e reduziu o consumo”. “Além disso, quando aumenta a oferta das verduras e frutas, mesmo com o aumento do custo de produção, a gente não consegue elevar o preço dos nossos produtos”, conclui.

“

Antes do aumento (da gasolina), eu gastava R\$ 200 por semana. Agora, gasto R\$ 300 com transporte”



■ Gilmar Pereira Silva, agricultor em Planalto Rural, Montes Claros

O agrônomo e consultor Pierre Santos Vilela, do Sebrae Minas, afirma que o reajuste do preço da gasolina tem efeitos em toda a cadeia produtiva e pesa mais ainda para os pequenos agricultores. “O aumento de combustíveis impacta toda a cadeia produtiva, tanto antes da porteira, por causa do aumento dos insumos, como depois da porteira, quando os agricultores saem para comercializar a produção. Então, há aumento do custo de logística também”, observa Santos Vilela.

“Naturalmente, quando o pequeno agricultor sai de sua propriedade para transportar a produção, ou quando um comprador chega à sua propriedade para buscar a mesma produção, ele (o produtor) arca com o custo para que seus produtos cheguem até o mercado consumidor. Este é um custo perverso, que acaba minando a lucratividade das pequenas lavouras”, observa o especialista.

O consultor do Sebrae Minas lembra que os pequenos agricultores são mais dependentes dos intermediários e do mercado varejista dos municípios onde exercem a atividade. Por isso, têm mais dificuldades em repassar o aumento de custos para os preços das verduras e frutas que produzem. Ele lembra que os agricultores familiares também pagam mais caro pelos insumos agrícolas por adquirir quantidade menores dos adubos e defensivos, sem ter o mesmo poder de barganha e de descontos obtidos pelos grandes produtores.

A professora e economista Vânia Vilas Boas, do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), salienta que a alta dos combustíveis “afeta todos os custos logísticos”, sobretudo, em relação ao transporte. “Quando tratamos do agronegócio, vamos verificar que há impactos em todas as camadas produtivas, desde os pequenos agricultores aos produtores de porte mais elevado. Além do transporte, sabemos que na produção agrícola utiliza-se muito dos combustíveis no manuseio de máquinas e equipamentos”, observa.

COOPERATIVAS A economista assegura que, de fato, os pequenos produtores têm dificuldades para repassar o aumento do custo do transporte para seus produtores por causa da sazonalidade. “Existem períodos de grande produção de determinados produtos. Nesses períodos, como tem muita oferta do produto no mercado, o preço cai. Neste caso, o pequeno produtor, que normalmente não tem diversificação da produção, acaba ficando no prejuízo, sem alcançar uma rentabilidade que possa cobrir os seus custos”, relata a coordenadora do IPC/Unimontes.

Ela diz ainda que uma estratégia para o pequeno produtor minimizar os custos do transporte e não ficar na dependência de atravessadores é recorrer ao associativismo. “Os agricultores devem se filiar a uma cooperativa, onde possam entregar seus produtos sem a necessidade de deslocar para locais distantes e, assim, reduzir o custo logístico”, recomenda a economista.

COELHO REAGE E VENCE DE VIRADA O AVAÍ NO HORTO

O América conseguiu um ótimo resultado ontem, no Independência, ao vencer o Avaí por 3 a 1. O time catarinense saiu na frente, mas o Coelho soube se impor na sua casa e conseguiu a virada no segundo tempo. Com mais essa vitória, o América chegou aos 24 pontos no Campeonato Brasileiro e se distanciou da zona de rebaixamento. **PÁGINA 16**



GALO É DERROTADO PELO INTER NA REESTREIA DE CUCA

Em apenas 30 minutos, o Atlético levou três gols do Internacional, em Porto Alegre. No segundo tempo, esteve melhor em campo, lutou e teve boas chances de marcar, mas parou no goleiro Daniel. Resultado: no retorno de Cuca, perdeu por 3 a 0. Agora, o alvinegro muda o foco para o jogo do Palmeiras, pela Libertadores, na quarta-feira, no Mineirão. **PÁGINA 16**



INVESTIMENTOS

CORRIDA PELO SOL

Empresas e grandes consumidores aceleram expansão no mercado de energia solar

O Projeto de Lei 414/2021, que desregulamenta e moderniza o setor elétrico no país, nem foi votado ainda pelo Congresso mas já causa alvoroço. Isso, porque ele impulsiona de tal forma o segmento de energia solar no Brasil que empresas e consumidores, já pensando em assegurar presença nesse mercado promissor, estão investindo alto. A cobrança da "taxa do fio" nos projetos a partir de 2023 reforça a corrida. Para se ter ideia, a capacidade instalada de geração de energia solar fotovoltaica distribuída cresceu 70% em 12 meses e atingiu a marca histórica de 11,31 gigawatts (GW). Outros 6,2 GW serão instalados até o fim do ano quando, com investimentos totais de R\$ 40,6 bilhões, a capacidade de geração será elevada para 17,2 GW.

A corrida pelo sol é mais acelerada em Minas Gerais, que lidera a geração solar distribuída no país com potência instalada 1,84 GW e 16,2% de participação no mercado. E essa potência deve continuar crescendo, com o número de consumidores aumentando, atraídos por descontos que variam de 15% a 20% na conta de luz. No estado, uma das empresas líderes do setor, que tem 27 fazendas solares, está investindo R\$ 1,1 bilhão este ano na instalação de 50 usinas e elevando a potência instalada para 230 megawatts (MW), mais do que dobrando o número de usinas que tinha ao final de 2021. Nas residências e pequenas empresas, a perspectiva de encarecimento da tarifa de energia elétrica e a inflação estão motivando a expansão cada vez mais de painéis instalados nos telhados.

FOTOS: LUIZ RIBEIRO/EM/DA PRESS



Os ônibus percorrem grandes distâncias por estradas empoeiradas para buscar 'clientes' como a dona Eremita. No fim do dia, todos voltam para casa com os mantimentos

NEGÓCIO DE LEVANTAR POEIRA

Em Bonito de Minas, um dos mais pobres municípios do Brasil, comerciantes resolveram fazer um investimento inusitado: compraram ônibus para buscar na 'porta de casa' os seus principais clientes: trabalhadores rurais, aposentados e pensionistas que vivem em lugares distantes da cidade. Os passageiros viajam de graça até Bonito, recebem os benefícios no banco, fazem as compras de mantimentos da semana ou do mês e ainda aproveitam para resolver outros assuntos. No fim do dia, todos voltam para casa nos mesmos ônibus, que percorrem dezenas de quilômetros por estradas empoeiradas e esburacadas. Os comerciantes lucram com a iniciativa, mas ela representa economia para os moradores da zona rural. "O dinheiro que ia gastar com o transporte, a gente pode usar para comprar coisas de maior necessidade", diz Dalvânia Neves da Silva.

PÁGINAS 8 E 9

POLÍCIA

Empresário paga fiança e sai da cadeia

Rodrigo Werneck Gutierrez, que causou acidente grave na sexta-feira, batendo em quatro veículos, desembolsou R\$ 242 mil para ser libertado. **PÁGINA 11**



TÚLIO SANTOS/EM/DA PRESS

ÁREA DE ESCAPE NO ANEL LIBERADA

Depois de algum atraso nas obras, foi liberada ontem a área de escape do Anel Rodoviário, entre a BR-040 e o trevo do Betânia. A estrutura de concreto, que tem 100 metros de comprimento e várias camadas de brita, permite uma desaceleração rápida de caminhões que perdem o freio e pode contribuir para evitar acidentes. **PÁGINA 11**

ELEIÇÕES

PSB e Rede confirmam apoio a Kalil

Convenções dos dois partidos tiveram a presença do pré-candidato do PSD, que voltou a fazer críticas ao governador Romeu Zema (Novo). **PÁGINA 4**



9 771809 987021

Assinaturas e serviço de atendimento: (31) 99402-0234 • fale.conosco@em.com.br
Central de atendimento ao assinante: (31) 3263-5800 • Assinatura Uai: (31) 3263-5888
Baixe o aplicativo Estado de Minas na Google Play ou Apple Store.

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

NORTE DO ESTADO

Para aumentar as vendas e manter os negócios, comerciantes de Bonito de Minas oferecem transporte para buscar moradores da zona rural que precisam fazer compras na cidade

LUIZ RIBEIRO
Enviado especial

Comerciantes de Bonito de Minas, uma das cidades mais pobres do Brasil, encontraram uma forma inusitada de aumentar as vendas: compraram ônibus para buscar na roça os principais clientes: trabalhadores rurais, aposentados e pensionistas que não têm condições de bancar passagens caras até a cidade. Os veículos cruzam dezenas de quilômetros de estradas de terra empoeiradas e vão a povoados distantes atrás dos “passageiros”, que viajam de graça. Na sede do município, além das compras de mantimentos da semana ou do mês, eles aproveitam para receber benefícios no banco, pagar contas, ir ao médico e resolver outros assuntos.

Como revela série de reportagens do Estado de Minas, o transporte tem papel preponderante na vida das pessoas, mas a dependência do serviço é maior ainda entre moradores de municípios mais pobres, onde, por outro lado, a população paga mais caro pelos combustíveis. É exatamente o que acontece em Bonito de Minas. Com 11,5 mil habitantes, tem o terceiro pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado: 0,537. Considerando todos os 5.565 municípios brasileiros, fica entre os 220 com IDH mais baixo.

A iniciativa dos comerciantes rende um lucro a mais para eles, além de ser um facilitador para os moradores mais carentes da zona rural de Bonito de Minas, que tem um a extensão territorial de quase 4 mil quilômetros quadrados - 2,5 vezes o tamanho do território do município de São Paulo. Se não fossem os ônibus de graça, eles teriam de desembolsar valores para pagar passagens que pesam no orçamento doméstico. Nesses tempos em que os preços dos combustíveis aumentaram significativamente, as tarifas estão ainda mais caras, o que inviabilizaria as viagens rotineiras até a cidade.

Após a recente redução na alíquota de tributos sobre o produto por parte dos governos federal e estadual, o preço do litro da gasolina em Bonito de Minas, que em junho chegou a quase R\$ 8, caiu para R\$ 6,35 neste mês. Mesmo assim, continuou em patamar mais alto do que o das cidades mais ri-

DE ÔNIBUS atrás de clientes

FOTOS: LUIZ RIBEIRO/EM/D.A.PRESS



Ônibus percorrem quilômetros de estradas de terra para buscar trabalhadores rurais, aposentados e beneficiários de programas sociais

cas, como Belo Horizonte, onde o preço da gasolina baixou para menos de R\$ 6. No município carente, o óleo diesel não teve redução e estava bem mais alto, sendo vendido a R\$ 7,96 o litro.

A ideia de buscar os clientes em casa é inovadora na região. Em outras cidades de baixa renda do Norte de Minas, os comerciantes do ramo de alimentos fazem entregas de feiras na zona rural e acabam sendo altamente impactados pela oscilação no preço dos combustíveis. Em Bonito de Minas, os varejistas inverteram a lógica. Se os clientes não têm dinheiro para pagar transporte até a cidade, os ônibus vão buscá-los.

As viagens obedecem a um cronograma compatível com o calendário dos pagamentos das

aposentadorias e de benefícios sociais. Ao longo do mês são atendidas 44 comunidades rurais do município, com os veículos deslocando até 45 quilômetros da sede do município e fazendo duas viagens por dia à zona rural, buscando e levando os moradores. Na volta para a casa, são acompanhados por caminhões, também de propriedade dos comerciantes, que levam as mercadorias compradas pelos clientes.

O sistema do transporte dos moradores da zona rural de ônibus e de entrega das mercadorias em caminhões é mantido por dois supermercados de Bonito de Minas. Outro estabelecimento na cidade oferecia o serviço, mas, devido ao aumento de custo, após a pandemia do coro-

navírus, optou por manter apenas as entregas das feiras.

TÁBUA DE SALVAÇÃO As viagens dos ônibus começam bem antes do sol nascer e são uma verdadeira saga pelo sertão. O Estado de Minas acompanhou uma delas, para mostrar como é cheia de desafios a vida desses moradores de baixa renda que vivem em localidades distantes no Norte do estado. O coletivo saiu da cidade antes de 4h, ainda no meio da escuridão, em direção à comunidade de Cabeceira do Borrachudo, a 35 quilômetros. No caminho, também buscou moradores de Salto do Borrachudo. As duas comunidades estão entre os lugares mais carentes do município.

A viagem na estrada de terra é uma sequência de obstáculos, com buracos, bancos de areia, poeira e curvas perigosas. O ônibus sacoleja do começo ao fim da jornada, mas nada disso desanima os passageiros, a maioria mulheres. Para essas pessoas, o sistema de transporte gratuito virou uma tábua de salvação. Sem ele, a situação seria bem pior. “Esse serviço foi um alívio pra gente. Era muito difícil pra gente ir até a cidade”, afirma Terezinha Pereira Santana, de Salto do Borrachudo. Beneficiária do Programa Auxílio Brasil, ela recebeu R\$ 400 na primeira quinzena de julho. Terezinha lembra que, sem dinheiro para pagar um carro particular, ela fazia a cavalo o trajeto de 32 quilômetros entre

Salto do Borrachudo e a cidade. “Eram três horas para ir e três para voltar”, relata.

A aposentada Eremita Neves da Silva, de 75, também moradora de Salto do Borrachudo, diz que o serviço gratuito criado pelos comerciantes melhorou sua vida. “Foi muito bom, pois falta dinheiro para gente vir à cidade. O lugar que a gente mora é muito isolado”, conta. A filha dela, Maria Marcilene Neves Santana, de 33, também usa o ônibus e não esconde a realidade que vive. “Tem dia que a gente vem à cidade e falta dinheiro até para o lanche”, afirmou. Mãe de quatro filhos e beneficiária do Auxílio Brasil, ela disse que a situação dos moradores piora nesta época de seca, pois não tem como plantar e encontrar serviço no campo. O marido, Lindomar Rodrigues Santana, de 45, está sem emprego e sem renda.

CUSTO AINDA ALTO Dulvânia Neves da Silva, de 19, agradece. “O dinheiro que iria gastar com o transporte a gente pode usar para comprar coisas de maior necessidade”, revela. Assim como Marcilene, ela disse que recebeu R\$ 400 do benefício do governo em julho e economizou R\$ 50 não tendo que pagar pela passagem de Salto do Borrachudo a Bonito.

Moradora da mesma localidade, Juliane Lopes da Silva, de 25, também foi à cidade em meados deste mês para receber o benefício governamental, levando no colo a filha Yasmin, de 1 ano. Ela reclamou que, mesmo com a gratuidade do transporte, o valor recebido, R\$ 450, não foi suficiente para tudo que precisava. “O dinheiro só deu para comprar as coisas básicas, não deu adquirir nada de mistura (alimentos como carne, frango e verduras). Os preços das coisas subiram demais”.

Companheiro de viagem de Juliane, o aposentado João Lopes Costa, de 62, conta que pagou ao supermercado R\$ 650 - referente a uma feira mês anterior, ficando devendo R\$ 550 (da nova compra de mantimentos) para quitar no mês seguinte. Porém, ele disse que acabou gastando todos os R\$ 1.212 que recebeu. “Volto para casa sem nada. Está tudo muito caro. Só com carne e frango gastei R\$ 250”, disse João Lopes, que adquiriu ainda ração para animais e algumas telhas para a casa.



Juliane Lopes da Silva aprova a gratuidade do transporte, mas diz que, mesmo com a economia da passagem, o que ganha de benefício governamental não é suficiente para comprar tudo o que precisa



O aposentado João Lopes Costa conta que gastou todo o dinheiro que recebeu, R\$ 1.212, na compra de alimentos para a família, ração para animais e algumas telhas: “volto para casa sem nada”



Além do transporte gratuito da clientela, os comerciantes de Bonito de Minas também oferecem o serviço de entrega das compras para moradores da zona rural em caminhões

Sistema surgiu por causa da concorrência

A concorrência motivou supermercados de Bonito de Minas a oferecerem o transporte de ônibus gratuito para clientes da zona rural. Quem conta é Geraldo Justino da Silva, dono do Cristo Rei. Ele afirma que quando abriu o negócio, há 20 anos, percebeu que a concorrência já atendia quase todos os moradores da cidade. Só lhe restava vender para a zona rural.

Foi o que ele fez. No entanto, constatou que as pessoas do campo encontravam dificuldade para transportar as compras. “Havia quem carregava as feiras em lombo de cavalo ou que deslocava até a cidade para fazer feira em carro de boi”, relembra. Para amenizar

a situação, ele adquiriu uma caminhonete e passou a entregar as mercadorias em localidades próximas da área urbana, com até 15 quilômetros de distância.

Porém, Geraldo Justino diz que, mesmo assim, os trabalhadores, aposentados e beneficiários de programas sociais da zona rural continuavam enfrentando uma via-crúcis para deslocarem até a cidade por causa da falta de linhas regulares de ônibus para atender as localidades onde residem e escassez de dinheiro para fretar carros. Diante do quadro difícil, há 10 anos, ele decidiu inovar e adquiriu um ônibus para transportar, gratuitamente, os clientes do campo até Bonito, mantendo

as entregas das mercadorias sem nenhum aumento de custo para a clientela.

O ônibus faz 12 viagens por mês, passando em torno de 20 comunidades rurais. O estabelecimento conta também com dois caminhões. O dono do supermercado afirma que os moradores da zona rural respondem por 60% das vendas. “Mas a gente também presta um serviço social com o transporte deles. Temos que ajudar os lugares onde as pessoas moram, que são carentes”, afirma Geraldo Justino, lembrando que muitas delas usam o coletivo dele em busca de consultas médicas e outros compromissos na cidade.

A ideia do comerciante foi seguida pelo principal concorrente, o supermercado D e D, que também adquiriu um ônibus para o transporte gratuito dos moradores da zona rural, fazendo a entrega das mercadorias em caminhões. Atualmente, o estabelecimento abrange moradores de 24 comunidades da zona rural.

SUSTENTABILIDADE Proprietário do supermercado, o empresário Domingos Soares afirma ser necessário criar mecanismos para aumentar as vendas para as áreas mais distantes até mesmo como meio de sustentar o negócio. “Só com os clientes da cidade não damos conta de manter o co-

mércio. A gente precisa das pessoas da zona rural e de dar a elas condições de vir até a cidade para fazer as compras e levar as mercadorias”, destaca. Mas ele reclama do aumento dos custos do transporte. “Não é somente o preço do óleo diesel que subiu. Tem também a despesa da manutenção dos ônibus e dos caminhões. Se a gente contabilizar todos os custos, podemos dizer que estamos trabalhando quase no vermelho”.

Um terceiro supermercado de Bonito de Minas, o Araújo, também criou o serviço de transporte de ônibus para moradores da zona rural, entregando as compras deles de caminhão. Mas, após a pandemia do coro-

navírus, o estabelecimento suspendeu as viagens de ônibus gratuitas, mantendo somente as entregas das feiras. “O custo do transporte aumentou demais. Não estava compensando manter o serviço do ônibus”, alega Antônio Wellington Araújo, dono do estabelecimento. Ele afirma que com aumento de preços de produtos de primeira necessidade como óleo de soja, café, leite e de artigos de limpeza, pessoas de baixa renda reduziram as compras, afetando duramente o faturamento. “Os custos do óleo diesel e do frete impactam muito nas mercadorias, desde a fábrica até o consumidor final”, observa Araújo.